

**Estruturas Intermédias
e
Gestão Curricular**

FICHA TÉCNICA

EDIÇÃO: Vírgula (Chancela Sítio do Livro)

TÍTULO: Estruturas Intermédias e Gestão Curricular

AUTORA: Maria Prazeres Simões Moço Casanova

CAPA: Paulo Silva Resende sobre ideia da autora

REVISÃO E PAGINAÇÃO: Paulo Silva Resende

1.ª EDIÇÃO

LISBOA, 2010

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: Publidisa

ISBN: 978-989-8413-15-4

DEPÓSITO LEGAL: 318619/10

© **MARIA PRAZERES SIMÕES MOÇO CASANOVA**

PUBLICAÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO

Sítio do Livro, Lda.

Lg. Machado de Assis, lote 2, Porta C – 1700-116 Lisboa

www.sitiodolivro.pt

Estruturas Intermédias e Gestão Curricular

**Maria Prazeres Simões Moço Casanova
2010**

vírgula

Prefácio

Temos assistido, nas últimas décadas, ao desenvolvimento, assombroso, das sociedades e das respectivas organizações sociais, especialmente o daquelas consideradas mais desenvolvidas e que coincidem, genericamente, com as que constituem o chamado «mundo ocidental». O ritmo acelerado deste desenvolvimento, tem-se feito acompanhar por um forte aumento da sua complexidade e da crescente interdependência entre elas. Naturalmente que os sistemas educativos não fogem a esta tendência e, pensando no nosso país, pasmamo-nos com a evolução verificada nos últimos cinquenta anos. Na verdade, a escola manteve, basicamente, a mesma organização dos espaços e dos tempos, mas modificou – de forma mais ou menos conseguida – tudo o resto. As funções que a escola é chamada a desempenhar, para dar resposta às exigências do desenvolvimento social, têm, não só crescido em número, mas também em complexidade. A organização do trabalho da escola – e na escola – tem acompanhado essa complexidade crescente e, hoje em dia, não é difícil entender que a gestão académica é um “mundo”, onde a parte administrativa se diferencia, claramente, da gestão pedagógica e,

estando esta na dependência daquela, a principal questão política reside em saber se a questão administrativa deve ser subordinada à questão pedagógica, ou, se esta deve apenas o reflexo daquela. Isto é, se um projecto pedagógico necessita de um suporte administrativo adequado – que o viabilize – ou, se pelo contrário, deverá ser a máquina administrativa a definir o projecto pedagógico da escola. Ou ainda, se é possível e desejável uma outra via, de compromisso, em que o projecto pedagógico tem em conta as condições administrativas e estas estão ao serviço daquele, contribuindo, na medida das suas possibilidades, para assegurar o seu sucesso.

Algo de semelhante aconteceu com o desempenho profissional dos professores, o qual tem agora de responder a questões e exigências sociais que não se vislumbravam há cinquenta anos. De facto, hoje, os professores deixaram de ser meros agentes de ensino, com a finalidade primeira de assegurar a instrução dos seus alunos, para serem mediadores e facilitadores das aprendizagens – é preciso não esquecer que quem aprende é o aluno e que o professor **ensina** – quando não são chamados a serem “educadores”, com a ainda maior responsabilidade que tal função exige. Ora, para o completo desempenho dessas funções, estão definidas exigências organizacionais, tão diversas e complexas, que não é demais sublinhar a necessidade de uma especialização para as principais vertentes desse complexo organizacional. À semelhança de outras profissões, onde a diversidade de funções levou à criação de especializações, algumas de tal modo

cirúrgicas que, aos olhos de um leigo, parecem não fazer sentido, também na profissão docente começa a ser imperioso criarem-se especializações que permitam o desempenho cabal dos objetivos que o sistema educativo exige. Parece sensato pensar que a elaboração, por exemplo, de um Plano Educativo de Escola, com os seus consequentes Planos Curriculares de Ciclo, Plano Curricular de Ano e Planos Curriculares de Turma, devem ser protagonizados por professores, embora nem todos os professores estejam à altura de o fazer. Exactamente como para uma cirurgia ao coração não se recorre a um clínico geral, mas antes a um especialista, também na elaboração desses planos se deve recorrer a especialistas.

As Ciências da Educação ao estudarem, entre outras coisas, as questões que se levantam no funcionamento dos sistemas educativos e nas interações destes com o meio envolvente, procuram encontrar soluções para os problemas encontrados, contribuindo, desse modo, para a sua resolução, ao mesmo tempo que tentam impregnar de racionalidade uma área cuja imagem transmite, não raras vezes, um embaraçoso sentimento de falta dela. Por isso, as Ciências da Educação têm tentado – sem grande êxito, aliás – divulgar as racionalidades que as fundamentam, os seus modos de abordagem aos problemas levantados, as formações requeridas para as soluções encontradas...

É neste contexto que surge o presente livrinho que me pediram que prefaciasse. Faço-o com gosto, porque reconheço nele um trabalho em Ciências de Educação, onde se delimita um

problema, se faz o seu enquadramento legal e, fundamentadamente, se sugerem caminhos para o resolver. Não cai a autora na tentação de apresentar receitas, mas tão-somente de chamar a atenção para as condicionantes a que a Gestão Curricular deve obedecer para satisfazer as exigências legais existentes. Não se fica, porém, por aqui, a autora: vai além das metodologias e das técnicas, ao enquadrá-las num conjunto de princípios e valores que, sabe-o por um saber de experiência feito, dão sentido e humanizam as abordagens propostas para a Gestão Flexível do Currículo. Identificando as estruturas de coordenação educativa e de supervisão pedagógica, responsáveis por aquela gestão, recorda-nos que as mesmas são de constituição recente no sistema educativo português e que muito do trabalho a que são chamadas a desenvolver, constitui quase uma novidade nas escolas e para os professores portugueses. Por outro lado, a complexidade de funções dessas estruturas - que a autora documenta de forma quase exaustiva - justifica, não só uma formação específica para os membros dessas estruturas, como também, a nosso ver, uma especialização de funções que, obviamente, deverá ser reconhecida na carreira docente.

Trata-se, pois, de uma obra útil, a vários níveis: ao nível dos professores que terão a tarefa de elaborar os diferentes tipos de projectos educativos que o livro aborda; ao nível dos responsáveis pela gestão das nossas escolas, pela chamada de atenção que faz para as condições a que é preciso atender para que se possam concretizar os projectos referidos e ao nível dos órgãos

decisórios do sistema educativo, pelas condicionantes e consequências que a aplicação das decisões tomadas irão ter na realidade multivariada das nossas escolas.

Fruto que faz jus ao lema da universidade onde a autora se doutorou – *Honesto estudo com longa experiência misturado* – oxalá encontre o merecido eco, junto dos actores do processo educativo.

Novembro de 2010

Vítor Manuel Trindade

(Professor Catedrático da Universidade de Évora)

Índice Geral

Introdução	17
I – As Estruturas de Coordenação Educativa e Supervisão Pedagógica	19
1. As Estruturas de Coordenação Educativa e Supervisão Pedagógica	21
1.1. Princípios e Valores	21
1.2. Funções e Competências das Estruturas de Coordenação e Supervisão Pedagógica	26
II – Gestão Flexível do Currículo	31
1. Projecto Curricular	33
1.1. Procura de sentidos para alguns conceitos	34
1.1.1. Conceito de Projecto	34
1.1.2. Conceitos de Currículo e Curricular	36
1.1.3. Conceito de Competência	39
1.1.4. Gestão Flexível do Currículo	41
2. Referenciais Externos Norteadores do Projecto Curricular de Turma	49

3. Projectos Curriculares de Turma	63
3.1. Projecto Curricular de Turma	66
3.2. Contributo para a Organização do Projecto Curricular de Turma	67
3.3. Trabalho do Conselho de Turma	103
III – Conclusão	105
IV – Bibliografia	111
1. Referências Bibliográficas	113
2. Normativos Aplicáveis	123

Índice de Quadros

Quadro I – As Necessidades ao Nível do Saber-saber numa Perspectiva de Saber-fazer	74
Quadro II – As Necessidades ao Nível do Saber-fazer	76
Quadro III – As Necessidades ao Nível do Saber-ser e Saber-estar	78
Quadro IV – Operacionalização Técnica da Gestão Curricular	82

Índice de Figuras

Figura 1: Processo de referenciação da cultura organizacional	25
Figura 2: "O Triângulo Didáctico Reinterpretado"	46
Figura 3: Processo de Avaliação.	88

Lista de Abreviaturas e Siglas

DEB – Departamento de Educação Básica

DGEBS – Direcção-Geral do Ensino Básico e Secundário

ILL – Instituto de Lexicologia e Lexicografia

ME – Ministério da Educação

